

# Políticos temem as pesquisas

## UnB tem dificuldades para elaborar o perfil da Constituinte

M. CAVALHEIRO  
Da Editoria de Política

Tentando delinear o perfil político-ideológico da Assembleia Nacional Constituinte, o Departamento de Sociologia da UnB descobriu que os parlamentares brasileiros são um tanto arredios às pesquisas, não estão habituados à cobrança e em muitos casos preferem não definir claramente suas posições. O professor João Gabriel Teixeira, que coordena a pesquisa, dá dois exemplos extremos de deputados que se assustam com as questões propostas. Um à direita e outro à esquerda.

Um deputado do PDS mineiro, informou ao pesquisador, após responder 30 das 105 questões propostas, que só continuaria respondendo na presença de seu advogado. Outro parlamentar que o professor define como "um amigo nosso, da esquerda", foi mais adiante, mas a certa altura, pulou para trás, recusando-se a continuar respondendo. "Isto parece coisa do SNI", justificou.

Por essas e outras, a primeira fase da pesquisa — com prazo até o final de agosto para ser concluída — não vai muito bem. Dois meses de trabalho foram suficientes para colher apenas as respostas de 60 dos 240 constituintes sorteados para compor a amostragem. Em um mês e meio, é preciso agora preencher os questionários restantes, que representam três quartos do total.

O professor João Gabriel, que é também o chefe do Departamento de Sociologia da UnB, nota falta de tempo disponível, da parte dos parlamentares, mas a

circunstância não o faz mudar de ideia sobre as dificuldades encontradas para traçar o perfil da Constituinte. "Esta é uma informação relevante", diz. O comportamento de deputados e senadores — deixando em segundo plano o fornecimento desse tipo de informação — "mostra que eles não se preocupam ainda com a questão de estreitar laços efetivos com o eleitorado que os põe lá no posto que ocupam", opina. Segundo o professor, pesquisas desse gênero, "fazem parte do processo político e existem em todas as democracias".

### PREVER VOTAÇÕES

Se conseguir obter a amostragem que a metodologia científica recomenda para este caso — ouvindo 240 parlamentares sorteados em número proporcional ao peso das bancadas de cada partido e de cada estado —, o Departamento de Sociologia terá um instrumento útil até para a previsão do resultado de votações, explica o professor.

Não se trata de um instrumento infalível. Como toda pesquisa de opinião, esta tem sua margem de erro. "Mas geralmente a gente acerta", ressalva João Gabriel, lembrando que o trabalho está sendo feito com "rigor acadêmico" e é duplamente útil para os próprios parlamentares. De um lado, eles terão acesso a este perfil político-ideológico quando a pesquisa estiver tabulada e analisada. De outro, as próprias questões propostas, como não foram escolhidas aleatoriamente, funcionam como uma informação dos te-

mas sobre os quais a cobrança da sociedade é mais intensa.

Das 105 questões, cerca de 20 referem-se a dados biográficos, como os partidos de que participou, as eleições disputadas e seus resultados, os cargos públicos que ocupou. A segunda parte engloba temas como a reforma agrária e outras questões polêmicas na Constituinte.

A seleção dos assuntos foi feita a partir das propostas de entidades de sociedade civil, como os movimentos de defesa dos índios e da ecologia, a Comissão Pastoral da Terra, os sindicatos. Segundo o professor João Gabriel, o resultado da pesquisa — financiada pelo Ibase, entidade ligada à Igreja Católica e apoiada pelo Instituto de Estudos Sócio-Econômicos — será também "um registro histórico das posições políticas assumidas na Assembleia Nacional Constituinte". Infelizmente, para grande parte dos parlamentares convidados a responder ao questionário ela tem sido vista apenas como "um transtorno".

O professor salienta que, se não houver um interesse maior nos próximos 45 dias, o resultado será prejudicado. Afinal, a amostragem ampla e corretamente escolhida é fator fundamental para que a análise de uma pesquisa esteja o mais próximo possível da realidade. De qualquer modo, provavelmente já em fins de agosto os senhores parlamentares terão acesso aos primeiros resultados parciais — cuja exatidão depende exclusivamente deles. Do resto, o Departamento de Sociologia da UnB se encarrega.



Até nas ruas os cartazes fazem pressão

## O Congresso está repleto de cartazes

A Constituinte está servindo para colorir os corredores do Congresso Nacional. O deputado Sérgio Spada (PMDB-PR) espalha cartazes em defesa da auditoria da dívida externa, defensores da criação do Estado do Triângulo, deixam os corredores repletos de impressos que defendem esta posição. Da Bahia, para ornamentar portas de gabinetes, vêm cartazes combatendo a proposta do deputado Fernando Gomes, de criação do Estado de Santa Cruz. Mas não paramos aí: os lobistas do Estado do Iguaçu (que desmembraria o oeste do Paraná e de Santa Catarina) espalham cartazes improvisados por toda cidade; ao longo do Eixo L e penduram uma faixa em um dos viadutos da estação rodoviária. Essa guerra de palavras e cores tende a se intensificar, na medida em que as normas de segurança ficaram mais rigorosas desde o confronto direto entre a UDR e a Contag no salão verde da Câmara.